

verdadeiro. A dialética, a este nível, é secundária. A sistematização do real cabe à analítica. Com Kant, a dialética abandona o nível linguístico e, atingindo o plano transcendental, participa da natureza da razão, possibilitando, embora numa dimensão limitada, a única sistematização possível da totalidade, onde as idéias transcendentais se constituem em princípios eurísticos. Finalmente, com Hegel, a superação do problema da síntese e da unidade sintética, no campo do conhecimento, leva a questão para o campo da própria consciência individual nas suas relações com a totalidade das manifestações existentes. O movimento de negação dos conceitos e sua superação passa a ser não o movimento do aparente, mas da própria essência da consciência. Com isto, a dialética despreza a lógica analítica formal e se constitui na única capaz de fornecer a sistematização universal.

Em todas as livrarias

De LUÍS WASHINGTON VITA

PEQUENA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Edição Saraiva, 1968, XII, 261 págs.

O ESPÍRITO DO TEMPO NAS ARTES PLÁSTICAS (*)

Vilém Flusser

(do IBF de São Paulo)

O título destas considerações contém uma alusão a Hegel, a saber o termo "espírito do tempo". Tal alusão pode ser enganadora e exige esclarecimento. Não será pretendida uma análise das artes plásticas de um ponto de vista hegeliano, nem das artes plásticas atuais brasileiras, nem muito menos das artes plásticas em sua generalidade. A meta será muito mais modesta: procurar captar uma tendência que aparentemente permeia e propaga um grande número, (se não a totalidade), das obras plásticas da atualidade, e que portanto as distingue das obras do passado. E o propósito dessa tentativa de captação é não apenas contribuir um pouco para a compreensão das artes plásticas, mas também para a compreensão da atualidade. No entanto, a alusão hegeliana no título não é mero acaso e vai caracterizar estas considerações tôdas. Porque um Hegel mais ou menos consciente, e mais ou menos digerido, caracteriza tôda reflexão que tem o tempo por tema, já que Hegel, queiramos ou não queiramos, e saibamos disto ou não saibamos, faz parte do pensamento de nós todos. Esta afirmativa, (que, ela própria, tem sabor hegeliano), implica que apresente o *meu* Hegel, a saber: como eu interpreto alguns conceitos hegelianos pertinentes ao tema proposto. Ou, hegelianamente: que lhes apresente a forma na qual Hegel participa do meu espírito subjetivo. Não todo esse Hegel, mas aquela parte que tem a ver com o tema.

Pois o espírito do tempo na minha compreensão é um sabor que pervade todos os fenômenos de uma dada época e a distingue das anteriores e posteriores. Um gosto atento

(*) Conferência pronunciada no Museu de Arte Moderna no dia 11-12-1970.

pode distinguir esse sabor em tudo, no mais humilde dos objetos e no mais fugaz dos gestos. Mas há um fenômeno no qual esse sabor se acha concentrado: a língua. É ela que articula melhor o espírito do seu tempo. E se eu definir "língua" como sistema de símbolos, as artes em geral, e as plásticas em particular, são línguas. É a razão porque o espírito do tempo pode ser mais facilmente constatado na arte que em fenômenos culturais menos articulados. Isto porque línguas são não apenas *do* espírito do tempo, mas também *sobre* espírito do tempo. Não apenas *são* esse espírito, mas também procuram *negá-lo*. Como o Michelangelo de Rilke a língua e o geral, e as artes em particular, reúnem em seu peito toda a sua época a fim de superá-la. Por isto, no meu entender, a arte nega dialéticamente a famosa sentença: ser apenas espírito do tempo, mas sê-lo integralmente. As artes, quando são integralmente espírito do seu tempo, já não são *apenas* isto, exatamente por o serem integralmente. Já apontam o espírito de uma época vindoura. É isto que no meu entender significa o termo abusado "vanguarda". (Abusado e excessivamente militar, do meu ponto de vista.) Este o meu Hegel, o Hegel pessoal e subjetivo que abrigo no meu espírito, ou, como se costuma dizer atualmente, obedecendo ao espírito do nosso tempo: a minha leitura de Hegel. Até aonde essa leitura é objetivamente fiel, e a partir de onde ela é livre, é um problema para hegelianos.

A primeira pergunta que se impõe é esta: há realmente uma tendência que permeia a grande maioria das obras plásticas da atualidade, tal que as afaste das obras do passado? De acordo com Hegel, tal tendência, se existe, não é mera impressão subjetiva do observador e varia portanto de observador para observador, mas é pelo contrário objetiva. De maneira que deveríamos todos poder concordar não apenas que ela existe, mas ainda de que a tendência atual é esta e não outra. Creio que a pergunta deve ser respondida afirmativamente. Com efeito, é possível radicalizar-se essa afirmativa e dizer que raras vezes na história da arte uma tendência se destacava com nitidez comparável com a da atualidade. E isto implica afirmar que o espírito do nosso tempo, tal como se articula nas artes plásticas, se distingue nitidamente do espírito do tempo precedente. O que no fundo é uma maneira de dizer que a nossa é uma época de ruptura nítida e brusca com o passado.

Mas ao querer dizer em que consiste tal tendência deparamos com uma curiosa dificuldade. O espírito do nosso

tempo se articula nas artes plásticas, portanto em determinada linguagem, e articula-se também no discurso linguístico português, portanto em outra linguagem. Embora não queira afirmar o slogan que o meio é a mensagem, e queira insistir no fato que a mensagem, (a saber: o espírito do nosso tempo), é fundamentalmente idêntica nas artes plásticas e no discurso português, deve confessar no entanto que o mesmo espírito se articula de forma diferente, e radicalmente diferente, nas artes plásticas e na língua portuguesa. Querer pois dizer em português o que dizem as artes plásticas na linguagem que lhes é própria é tarefa desesperada. Em outras palavras: o artista plástico escolheu o seu canal comunicativo, (ou por ele foi escolhido), porque este é para ele apropriado para nele articular o espírito do seu tempo. E o escritor, (inclusive o crítico), escolheu a língua portuguesa, (ou por ela foi escolhido), porque é a língua que para ele é o veículo adequado à articulação do espírito que o propõe. São duas atitudes diferentes e possivelmente opostas perante a mesma mensagem. Porque é perfeitamente imaginável que o artista plástico, em momentos de reflexão, afirme que o espírito do nosso tempo não pode mais ser articulado na linearidade discursiva da língua portuguesa, e que é isto uma das razões do seu engajamento nas artes plásticas com sua multidimensionalidade. Em outras palavras ainda: o artista plástico pode, se for radical, negar a competência do crítico linear de captar sua mensagem, justamente porque o discurso linear está superado pelo espírito do nosso tempo. Eis novamente um problema hegeliano, porque aponta uma contradição interna do espírito do nosso tempo.

Ao ter dito o que acabo de dizer, no entanto, já comecei, dialéticamente, a articular em português o espírito que se articula nas artes plásticas da atualidade. A saber, isto: as artes plásticas atuais estão plenamente conscientes do fato de serem um veículo para mensagens que não podem ser comunicadas discursivamente. Portanto não apenas não procuram transmitir algo discursível, mas ainda desprezam tudo aquilo que pode ser discursado. Esta sua libertação consciente do discurso, esta sua atitude decididamente antidiscursiva, distingue-se das artes passadas e representa portanto um aspecto do espírito do nosso tempo. Não que as artes do passado não tenham sempre comunicado algo indiscursível, mas por não terem nitidamente consciencializado isto não se assumiam. E é este assumir-se das artes plásticas atuais como artes plásticas que as caracteriza.

Que é discursível? Em outras palavras: sôbre que falam línguas do tipo da língua portuguesa? Situações no sentido de "Sachverhalte", isto é situações nas quais algo se relaciona com algo de alguma maneira. Os algos que perfazem as situações são os significados nomes das línguas, e as maneiras como se relacionam são os significados dos verbos das línguas. Tais situações têm estrutura lógica ou logicizável, e tal estrutura é espelhada na gramática das línguas. A totalidade dessas situações é o universo do discurso, o mundo no qual vivemos quando pensamos discursivamente. Pois êste não é o mundo das artes plásticas e as atuais sabem disto e não querem tal mundo.

O universo que as artes plásticas representam não consiste pois de situações nas quais algo se relaciona com algo. Em tais situações não se aplica o método discursivo das definições e distinções, e quando aplicado desvirtua a própria essência das situações que é a sua plasticidade. E as situações que perfazem o universo das artes plásticas não têm estrutura lógica, e quando logicizadas são desvirtuadas. É um mundo impenetrável para o discurso, e quando o discurso o penetra o mundo se evapora. É esta a razão porque alguns artistas plásticos tendem a afirmar a oposição entre intuição plástica e intelecto. Errôneamente, conforme creio, já que concedem ao termo "intelecto" significado excessivamente estreito. Porque a atividade do artista plástico é, ela também, intelectual, embora não lógico-discursiva. A atividade intelectual é a atividade do representar, do tornar presente algo ausente. A atividade portanto da simbolização, porque é pelo símbolo que algo ausente é representado. Pois o artista plástico procura representar um universo, isto é: torná-lo presente por símbolos, embora tal universo não seja discursivo, e embora tais símbolos não façam parte do código de um discurso. Em outras palavras: também a obra plástica tem significado, (dimensão semântica), embora não possa dizer em português qual é êste significado. A questão ontológica que tudo isto implica, a saber: qual a realidade do universo das artes plásticas, e qual a realidade do universo do discurso, (para não falar em outros universos possíveis), ultrapassa o escopo dêste trabalho e tratei dela em outros contextos. Aderirei novamente, como nos outros contextos, à solução proposta pela fenomenologia, e que é esta: a realidade está na própria relação entre o universo e seu sujeito, portanto no canal comunicativo. É o próprio discurso, é a própria obra artística, que são a morada do Ser no representarem um universo.

Pois estas considerações, aparentemente abstratas, apontam no entanto aquilo que me parece ser o próprio núcleo das artes plásticas da atualidade. A saber isto: as artes plásticas atuais, ao representarem um universo que sabem indiscursível, e que querem indiscursível, propõem um universo que visa competir com o universo do discurso, e, possivelmente, substituí-lo futuramente. Com efeito: as artes plásticas atuais propõem uma alternativa ao universo do discurso, o qual é, atualmente, essencialmente o universo da ciência e da tecnologia. Propõem, em outras palavras, todo um território de ação e paixão humana, todo um território no qual uma humanidade do futuro possa viver, agir e sofrer com significado inteiramente diferente e de acôrdo com regras inteiramente diferentes das que regem a vida, a ação e o sofrimento no universo da ciência e da tecnologia. Lançam um desafio ao espírito do tempo imediatamente anterior ao nosso, e que foi o espírito do progresso, portanto discursivo. Lançam portanto dialéticamente um desafio a Hegel, que é uma articulação do espírito do tempo imediatamente anterior ao nosso. "Dialética negativa" creio que se chama a isto. E é êste desafio lançado pelas artes plásticas atuais na cara do espírito de um tempo ultrapassado que merece uma consideração um pouco mais atenta, já que é êle que caracteriza um aspecto importante do espírito do *nosso* tempo.

Para o espírito da época passada, (chamemo-la, vagamente, Idade Moderna), o universo do discurso, aquele universo portanto para o qual a ciência é a disciplina competente, representava o único universo real, e todos os demais eram tidos por meras projeções da fantasia humana. (Desconsiderando o idealismo racionalista, para o qual inclusive o universo do discurso não passa de projeção neste sentido). Em outras palavras: se chamarmos o universo do discurso lógico-linear "natureza", a Idade Moderna considerava a natureza sinônimo de "mundo". Isto não tem sido sempre assim, e o espírito medieval, por exemplo, aceitava o "sobrenatural" como pelo menos igualmente dotado de realidade. Todos os espíritos das épocas anteriores à nossa concordavam no entanto nisto: o produto da arte, o artificial e a artimanha, são objetos que melhor exemplificam o enganador, o ilusório e o "fabricado", (no sentido de: pretenso e pretendendo induzir o incauto no êrro). As artes eram tidas imitações da realidade, ora procurando imitar a realidade ao máximo (os realismos e naturalismos), ora admitindo sua qualidade ilusória e procurando levar ao homem para um mundo

“melhor”, embora fantasioso, (as artes fantásticas, para citar o exemplo mais adequado). Pois atualmente tudo isto mudou, (ou está mudando), radicalmente, e um novo espírito está soprando nas artes, e nas plásticas ele sopra com força redobrada.

Tudo isto mudou, por duas razões aparentemente opostas. A primeira tem a ver com o fato que está se tornando progressivamente difícil distinguir o objeto natural do artificial e dizer com nitidez aonde acaba a natureza e começa a arte. Por exemplo: que sentido tem dizer que um copo de leite é mais natural que um copo de Coca-Cola, ou dizer que tomar pinga é mais natural que tomar maconha? Praticamente todos os objetos que nos cercam revelam, sob análise, projetos humanos e são artificiais neste sentido, embora tenham todos a sua raiz na natureza. O “natural” e o “artificial” a rigor deixam de ser categorias ontológicas, e passam a ser rótulos a serem aplicados mais ou menos arbitrariamente. E isto faz com que o universo das artes é para nós tão real quanto o é o universo da natureza. A segunda razão da mudança tem a ver com a progressiva erosão do nosso sentido de realidade no universo do qual trata a ciência e o qual ela manipula. Com efeito: o universo do qual nos conta a ciência, com seus campos eletromagnéticos, seus fatores sociais e suas compensações psicológicas está de tal forma afastado da nossa vivência imediata e inarticulada que passa a ser para nós um mundo da fantasia. E os resultados da manipulação desse mundo que nos cercam na forma de instrumentos, máquinas, aparelhos, instituições e meios de comunicação constituem para nós, pela mesma razão, um mundo fantástico de sonho e pesadelo. De maneira que estas duas razões se conjugam para dar no seguinte: de um lado estamos prontos em aceitar o universo das artes como universo no qual é possível viver-se, de outro lado o universo da ciência e tecnologia está se transformando em pesadelo na medida na qual progride o discurso a seu respeito. Em outras palavras: na medida na qual perde sentido viver-se no universo tecnológico, por esse universo tornar-se absurdo, nessa medida começamos a aprender a viver no universo da arte, por compreendermos que a arte é uma disciplina que dá sentido à vida.

Que tipo de mundo é esse universo que as artes propõem atualmente como alternativa do mundo da ciência e tecnologia em vias de ser abandonado pelo espírito do nosso tempo? É um mundo do jogo. Aquilo que distingue a arte atual,

consciente de si mesma, tanto da arte do passado quanto do produto tecnológico atual é que ela visa, não tanto o objeto manipulado, mas a proposta para um jogo. “Brinque comigo” é o que o artista atual diz ao receptor da sua mensagem, e não “consuma meu produto”. Mas ele o diz não com a levianidade do mero brincalhão, senão com a seriedade do jogador engajado no jogo com corpo e alma. E se for artista plástico, ele diz: “brinque comigo com formas e cores, com tudo aquilo que pode ser apalpado e visto”. Ele nos propõe regras de acordo com as quais poderemos organizar elementos plásticos em situações novas, e embora essas regras não sejam necessariamente lógicas, não são menos rigorosas por isto. E as regras que ele propõe ele não as impõe, senão pelo contrário sugere que poderemos alterá-las no curso do jogo. Ele propõe uma atividade “aberta”, isto é livre. Porque não pode haver liberdade em situação rigidamente regrada, nem pode haver liberdade em situação sem regra. E, além disto, ele nos propõe os elementos a serem organizados por regras. E esses elementos são plásticos não apenas no sentido de serem manipuláveis hápticamente, mas ainda no sentido de serem substituíveis por outros. As obras que o artista plástico atual expõe não são pontos finais de um processo de manipulação, como o foram as obras do passado, mas pretendem ser pontos de partida para uma manipulação continuada. São propostas dirigidas a uma humanidade que está penetrando um território novo de atividade e de aventura.

Uma das medidas possíveis da vida é a intensidade das vivências pelas quais passamos. E esta intensidade tem a ver com o inesperado, com a surpresa. A vida no universo da tecnologia, embora progressivamente mais ampla e mais variada, e embora progressivamente mais perigosa, está se tornando sempre menos intensa, já que composta de situações previsíveis. As situações são previsíveis, porque podem ser discursadas, isto é explicadas e projetadas para o futuro. O mundo da tecnologia é futurável, e o próprio perigo nela é chato. Por exemplo, a chateação perigosa na viagem de avião a jato. Pois a arte é uma atividade que propõe situações imprevisíveis, é um planejamento do não planejável. As propostas que o artista nos faz são propostas para a aventura. Aventura do espírito e dos sentidos, da emoção e do intelecto. O território que as artes plásticas atuais abrem é terreno para uma possível vida aventureira, portanto intensa. Com efeito: as artes plásticas abrem um dos poucos terrenos nos

quais uma vida intensa é atualmente possível. E nos quais a vida tem sentido.

A vida tem aquêlê sentido que nós damos a ela. Viver não é descobrir um sentido qualquer, mas viver é dar sentido. Pois não podemos dar sentido nenhum a nossa vida no mundo tecnológico, porque tôda situação pela qual passamos nela já está marcada por um sentido dado a ela por outros. Somos, no mundo da tecnologia, parafusos em aparelho projetado por outrem. As artes plásticas atuais propõem um mundo para nós no qual poderemos criar situação nova, isto é situação da qual fomos nós os que lhe projetamos sentido. Assim as artes plásticas atuais representam uma das disciplinas a superar o absurdo da vida, dentro do qual um discurso desenfreado nos tem lançado. Destarte superam as artes plásticas o espírito do tempo precedente.

Pode parecer do exposto que creio em abismo que separa tecnologia e arte. Nada seria mais falso. Creio, pelo contrário, que as artes negam a tecnologia, e isto significa, hegelianamente, que a superam conservando-se no seu próprio seio. (Embora se trate, no caso, talvez de uma hegelização contra Hegel.) Em outras palavras: as artes recorrem à tecnologia para as suas próprias finalidades, que são antitecnológicas essencialmente. A ciência e tecnologia passam a funcionar em função da arte, isto é: em função do homem que se liberta da imposição da ciência e tecnologia. E, dialéticamente, a própria ciência e tecnologia passam a ser jogos, isto é arte. Por exemplo: as artes plásticas atuais não ignoram os conhecimentos da ciência e os métodos da tecnologia, (como talvez os ignorava a arte do passado), mas empregam êsses conhecimentos e métodos para propor jogos, os quais para a ciência e tecnologia não têm sentido. Criam máquinas que nada produzem e aparelhos que não funcionam. E assim conduzem o mundo da ciência e da tecnologia ao absurdo. Não nego que há, atualmente, feed-back entre os dois mundos. Não nego que a ciência e a tecnologia, elas também recorrem às artes, e principalmente às artes plásticas, para as suas próprias finalidades. Mas se tenho razão com o meu argumento, isto é uma tendência que pertence a um espírito de um tempo em vias de ser superado.

Receio que a exposição dos meus argumentos sôbre o espírito que a meu ver propele as artes plásticas atuais pode parecer excessivamente utópica e otimista. Com efeito: canto os louvores da arte em geral, e da plástica em particular, como sintomas de uma superação da crise na qual nos deba-

temos. Como preparadoras de uma situação futura, na qual a humanidade levará uma vida de jogos em liberdade, uma vida aventureira e significativa. De uma situação na qual os jogos atuais, (esportes, xadrez, turismo etc.) parecerão tão primitivos quanto parece primitiva atualmente a flecha, se comparada com misseis teleguiados. Com efeito creio que isto é uma das possibilidades que a conjuntura atual oferece. Não a única, no entanto. O espírito do nosso tempo não sopra apenas nas artes. Também os aparelhos gigantescos e mortíferos, também as organizações multimilionárias e militares por êle são insuflados. O espírito do nosso tempo é contraditório, e entre as mandíbulas da contradição está o nosso destino. Artista plástico ou organizador eficiente, jogador ou funcionário público, estas parecem ser as alternativas. E estas alternativas são ainda problematizadas por um pano de fundo de miséria e carência, remanescentes de tempos ultrapassados mas não superados. Pouco surpreende pois que difícil orientar-se na nossa conjuntura. Creio, no entanto, que a contemplação das tendências atuais nas artes plásticas pode ajudar na tentativa de orientação e fazer com que não percamos de tudo a esperança numa ressurreição da dignidade humana.

Nova e renovadora compreensão da
filosofia brasileira:

HISTÓRIA DAS IDEIAS FILOSÓFICAS NO BRASIL

do Prof. ANTÔNIO PAÍM

Pedidos à Editorial Grijalbo
Rua Herculano de Freitas, 106

São Paulo, 4, SP, Brasil